



# VIDA ARTISTICA

## SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Director e proprietario—J. PEDROSO AMADO  
 Chefe de redacção—VALENTIM T. COSTA E SILVA  
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

**ASSIGNATURA**

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes .....	Rs. 8300
6 " .....	" 8600
12 " .....	" 18200
ESTRANGEIRO	
3 mezes .....	Rs. 8900
6 " .....	" 18800
12 " .....	" 38600

**PREÇO AVULSO**  
**30 RÉIS**

Redacção e Administração  
 Passarelle do Elev. de S. Justa-A  
 LISBOA

Composição e Impressão  
 Offic. Illustração Portuguesa  
 Rua do Seculo, 43

*À constancia se deve toda a gloria.*

LUIZ DE CAMÕES.



Rafael Bordallo Pinheiro

OFF. ILLUSTRACAO PORTUGUEZA

# Rafael Bordallo Pinheiro

## A fabrica nas Caldas da Rainha

Ha artigos que não pertencem a um jornal e aos seus leitores.

Pertencem a um paiz, a uma raça.

Pela culminancia do assumpto que lhe serve de thema, toda a transcripção é pouca, tudo quanto se faça em face do que elle requer, é nada.

Não se corta, nem se augmenta, transcreve-se, palavra a palavra, sem uma falta, sem alguma coisa que lhe altere a essencia.

*Vida Artistica* vê em absoluto, pelo mesmo prisma que o seu collega *Capital* vê,



M. Gustavo Bordallo Pinheiro

pois braço dado com elle, dizer ao publico.

Velae pelo bom nome d'um grande artista, que tende a desaparecer; velae pela sua obra, porque os grandes artistas fazem os grandes povos e Rafael Bordallo Pinheiro foi-o e dos maiores.

Damos a palavra á *Capital*:

«Vae fechar, em breve, a exposição de faianças realisada no Atheneu Commercial, por Manuel Gustavo, digno successor do estranho e genial artista que foi Rafael Bordallo Pinheiro, a quem se deve o renascimento da industria ceramica das Caldas, que tanto emprehendeu e tantos e tão mercedos elogios arrancou á imprensa e a todos os que do assumpto se occuparam.

Fomos visitar essa exposição e sentimos, nos seus magnificos modelos, a alma nacional espalhada em typos e costumes emocinantes de graça e de alegria, evocando a paizagem e a vida tradicional da terra portugueza. Recordámos, então, todo um passado de genio artistico que se perdeu; as magnificencias do nosso mobiliario; as phantasias da côr polychromando colchas e tapetes, as preciosidades da nossa ourivesaria, os bordados, as decorações e os esmaltes das nossas faianças. Tudo desapareceu a pouco e pouco com a invasão das artes e industrias estrangeiras, ficando ainda por liquidar a industria ceramica portugueza.

Sabendo que Manuel Gustavo tem sustentado uma lucta enorme para não deixar morrer essa manifestação da nossa industria a que seu pae ligou o seu nome e a sua gloria, procurámo-lo a fim de informarmos os leitores de *A Capital* da situação em que se encontra a fabrica Bordallo Pinheiro, das Caldas da Rainha.

Ao perguntarmos se era verdade estar a sua fabrica luctando com difficuldades, respondeu-nos claramente:

—E' mais que certo. Desde que João Franco tirou o subsidio que a Fabrica recebera durante annos, comecei a ter uma vida industrial difficil. Depois, vindo a arrematação da fabrica de faianças, tive que

construir uma pequena fabrica nova, onde continuei a trabalhar com os fiéis operarios que sempre me acompanharam. Sustentar uma industria, sobre tudo d'arte, sem capital circulante é razão de sobra para fazer sorrir os financeiros.

«O meu capital consiste no nome de meu pae, nos seus modelos, no meu trabalho constante, na dedicação dos meus operarios e n'alguia sympathia que ainda pode inspirar a minha persistencia em conservar uma industria tão interessante e a que meu pae ligou o melhor do seu talento e da sua vida. Compreheende a difficuldade em aguentar uma fabricação, modestissima, é certo, mas que ainda assim sustentava vinte e tantos operarios, pagando ferias, lenhas, etc., todos os sabbados.

—E como tem conseguido manter a fabrica?

—Com o auxilio de alguns bons amigos de meu pae e meus e com muito sacrificio, lá conseguimos atravessar esta crise, sempre na esperanza de, fazendo exposições successivas, o publico se interessar pelos nossos productos, o que, infelizmente, ainda não aconteceu.

—E' então provavel que a fabrica venha a desaparecer? Qual a forma de evitar esse desastre?

—Incutindo pela publicidade e pelas exposições dos nossos modelos o gosto por esta industria nacional; fazendo com que o governo, as camaras municipaes, as companhias de caminho de ferro, etc., se interessem pelas nossas faianças, preferindo esta industria para fornecimento de azulejos, telhas e vasos decorativos e grupos artisticos para os edificios officiaes, jardins, etc., dando, enfim, uma certa protecção official aos nossos productos e recomendando a todos os consules a propaganda da nossa ceramica,

«Proteger esta industria tão caracteristicamente portugueza e até educativa é o que o governo pode fazer ainda como homenagem ao nome de meu pae, um grande artista que alguma coisa fez pela sua Patria e pela Republica, voltando a dar-lhe o subsidio como escola profissional de ceramica annexa á Escola Industrial de Desenho, com a obrigação de ministrar o ensino, recebendo como aprendizes todos os alumnos d'essa Escola, habilitando-os como operarios formistas, pintores, oleiros e forneiros.»

Foram estas as considerações do director da fabrica Bordallo Pinheiro das Caldas da Rainha, cujas faianças agora expostas, mostram bem o valor tradicional e artistico d'essa industria, que por ser tão portugueza merece a nossa muita estima e sympathia.

«Pela copia.»

COSTA E SILVA.

## Passelo GRATIS em automovel

Promovido pela *Vida Artistica* á Praia das Maças, seguido d'um esplendido almoço, a todas as pessoas que enviem para a sua redacção — Passerelle do Elevador de Santa Justa, A — até ao dia 6 do corrente, dez assignaturas annuaes pagas adeantadamente ou um annuncio de pagina em eguaes circunstancias.

Chamamos a attenção dos que nos lêem para o annuncio na ULTIMA PAGINA.



R. DOS CONDES

## A Litteratura Hespanhola

### LOPE DE VEGA

Não escasseiam na Hespanha individualidades que justifiquem a grandeza da sua litteratura. Desde o genio aventureiro e cavalheiresco do *D. Quixote*, de Cervantes, até a candida ingenuidade de Campoamor, a prosa e a poesia hespanhola tomam varias gradações admiraveis. A fecundidade de Calderon, na sua poesia dramatica dá-nos uma das mais bellas facetas litterarias, marcadas o com fulgor uma data de notariade no seculo XVII.

Entre outras figuras que compõem a litteratura da Hespanha, salienta-se como uma das mais extraordinarias—Lope de Vega.

O inspirado poeta comico atravessou com o seu nome celebre a segunda metade do seculo XVI e parte da primeira do seculo seguinte. Muito se tem dito e se tem escripto d'este homem cuja precocidade evidenciou decisivamente o seu raro temperamento. Não desmentindo a raça a que pertencia e o sangue que lhe corria nas veias, matou em duello um fidalgo que se havia resentido com a fórma porque era amesquinhado n'uma satyra do illustre escriptor.

Não venho, porém, encarecer os instinctos bellicosos do grande comediographo. Aventuras d'esta natureza comprehendiram-se n'outras epochas em que as luctas do espirito occuparam um plano relativamente secundario. Deixemos, pois, o aventureiro e tratemos do homem de genio. Habitudo a respirar a vegetação florida das pradarias castelhanas, não podia Lope de Vega ser insensivel á contemplação da natureza, buscando na sua pureza o assumpto das suas obras e no bulicio dos logarejos a inspiração das suas producções.

Tão benefica e saliente foi a sua obra que o proprio Corneille (pode afoitamente dizer-se) buscou n'ella situações felizes. Não foi sem razão que Cervantes lhe chamou «*prodigio da natureza*». Elle proprio reconhece a sua tendencia para as lettras. Esmeradamente educado, não se furtou á tentação de viver entre saltimbancos.

Foi em Toledo que a representação das suas peças alcançou enorme nomeada, e depois de se vêr cheio de louros, bafejado pelos mais ardentes encomios, procura na vida monastica o socego e a quietude. Saccudido pels ventania exageradamente religiosa, que ainda hoje fustiga a Hespanha, o mysticismo domina as suas canções, odes e sonetos.

E' talvez por esta causa que o poeta lyrico não logrou a predominancia que assumiu o escriptor theatral. N'este campo viveram personagens de nome, agitaram-se costumes da sua nacionalidade, coloriram-se factos votados ao desvanecimento dos homens.

A sociedade hespanhola dos seculos XVI e XVII ostenta-se nitida nas comedias de Vega.

Os moldes dramaticos de Aristoteles, fixam-se na intenção moderna que por vezes transparece das suas peças.

E, se nem sob todos os pontos de vista as suas obras representam uma confecção valorizada pela critica, o que não se pode

negar é a originalidade e o espirito inventivo que as caracteriza.

N'algumas das suas odes, áparte o religiosismo de que estão eivadas, desprende-se um perfume de gracil delicadeza e de incomparavel lyrismo. Uma das suas composições—*Curiosidade juvenil*—mostra-nos uma simplicidade unica.

N'um dos seus sonetos intitulado *O poder da lagrima*, brilha um espirito de observação encantador.

N'uma rapida explanação arranquei á obra de Lope de Vega, o que penso d'ella. Affeiçãoei neste sentido as opiniões dos seus biographos. Outros, melhor do que eu, completarão o meu modo de vêr.

NOGUEIRA DE BRITO.



## CREOULA...

*Tem nos seus olhos negros, fulgurantes,  
O mysterio das noites tropicaes,  
As morbidas caricias sensuaes  
Das antigas e lubricas bacchantes.*

*Quando ri, seus dentes alvejantes  
Levam-me ás regiões orientaes  
Onde as pantheras vivem p'los juncaes  
E as perolas são lindas, abundantes...*

*Sua pelle lustrosa e bronzcada,  
Suas mãosinhas minusculas, de fada,  
São singulares feitiços de paixão...*

*—Agradas-me, morena creatura!  
N'essa tua exqui-ita formosura,  
Da calidez ardente d'um vulcão!...*

JAYME CUNHA.



### O sentimento no piano — Como este tem sido um martyr — A menina do Conservatorio e a sua orientação artistica

No limitado meio artistico que possuímos principalmente em Lisboa, que em musica é muito inferior ao Porto, prevalece, na generalidade dos espiritos, a idéa erronea que no piano não se pode dar sentimento. E esta idéa nasce, em virtude de não virem com frequencia á nossa capital pianistas de nome, para, que se convençam do contrario. O piano é um instrumento completissimo, e d'elle pode o artista tirar o partido que quizer; todos estarão lembrados d'esses momentos sublimes que experimentámos quando ouvimos o pianista francez Pugno, o artista mais completo, quanto a nós, que temos ouvido! O piano sob a pressão dos seus dedos traduz a expressão mais nitida da phrase musical; se um *allegro* nos deslumbra, um *adagio* nos fascina e nos transporta!

Mas entre nós o piano tem sido um martyr, e é dos instrumentos que maiores torturas sofre em Portugal! Desde o reles café em que o piano é martelado com valsas e polkas assassinaadas, sem o menor vislumbre de arte seria, até ao salão burguez ou fidalgo em que o pobre Chopin, o desgraçado Beethoven, soffrem interpretações impossiveis, o piano expõe-se a cruéis torturas, como não acontece nos outros instrumentos, por exemplo: violoncello, violino etc. O piano tem em Portugal a sina do infortunio. Em quanto não tivermos um Conservatorio como é obrigação existir, permaneceremos, assim sob a orientação musical, em que uma *Fuga* de Bach é executada da

mesma fórma como uma *Sonata* de Mozart.

Temos assistido todos os annos aos exames mais adiantados de piano, no Conservatorio, e francamente temos trazido quasi sempre a peor impressão. Ouvimos ás vezes dez e quinze raparigas, sem encontramos uma execução pessoal em que a alumna traduza a travez da nota a vibração do seu sentimento, sendo todas as mesmas, ouvir uma é ouvir todas! Desde que o professor não estude primeiramente o grau de intuição artistica do alumno, de fórma a ministrar-lhe o ensino devido, porque, não se ensinam todas da mesma fórma, nunca ouviremos pianistas, mas sim *pianolas*. E' o que acontece na generalidade das raparigas que sahem do nosso Conservatorio. Pelo seu cerebro passam os nomes de Bach, Beethoven, Chopin, Mozart, Grieg, Schumann, mas sabermos a fundo as suas vidas, para assim melhor comprehendem as suas obras e executal-as com criterio, são coisas superfluas para os seus valores artisticos!

Falando ha tempos com um distincto artista portuguez que vive agora em Leipsig, disse-nos que um professor de musica, deve ser como o medico, deverá analisar o temperamento do alumno, e assim como o medico applica tal ou tal medicamento conforme a natureza do doente, assim o professor de musica deveria empregar tal ou tal methodo, para que o discípulo se interessasse pelo seu instrumento; d'outra fórma nascem artistas sem o menor vislumbre de sentimento, machinas e nada mais! E' por isso que a maior parte da gente tem a *musica classica* como o synonymo de grande massada; e em parte tem uma certa razão, ouvem Beethoven, sem nenhuma grandeza artistica, Chopin sem nenhuma poesia, Schumann, sem a mais leve philosophia, como poderão achar encanto na *musica classica*!

Quantas pessoas tenho visto bocejar com a celebre *Apassionata* do grande Beethoven!

ALFREDO PINTO (Sacavem).

## Coisas de theatro

(Continuação do numero antecedente)

Por isso se justifica, com abundancia, o pouco interesse que—sem fallar dos empregarios!—os actores tomam pelos originaes que são forçados a representar. A duvida desceu até áquelles que na maior parte dos casos, são os ultimos com auctoridade para avaliar.

Cinco ou seis auctores dramaticos foi um limite prodigo; suppôr que ha tres ou quatro actores será um supremo esbanjamento de lisonja. E ainda estes não se devem procurar onde muita gente julga. Não ha carreira mais complexa e que mais demande uma vasta illustração, do que esta de representar. E tampouco não ha melhor refugio de fallidos, de ignorantes e de ineptos. O theatro é um velhacouto. Em Portugal, quem não sabe lêr, não tem um curso, é inhabil a ganhar a vida, vae representar. Arranja um grande ar, falla de *Morêto* ou de *Calderon*—que nunca leu,—veste estridente, grita com violencia. Se a estes requisitos accrescentar uns vinte dias em Paris, onde pasmou imbecilmente para o Guitry (e outras sumidades) fica, *ipso facto*, consagrado. Logo, para exegerar a cabeça esdruxula de *cabot*, a reveste das gracas velhas de Vigny ou de lord Sanhydk. Muitissima parra e nenhum, absolutamente nenhum cacho. Isto é, por via de regra, um actor portuguez. Um moço achavascado e balófo que se mascára de Irving com a fatiota velha de Coquelin ou de Streewitz.

Depois as representações d'amadores contribuem tambem para estragar aquelles que, por extraordinario acaso, tenham uma certa habilidade. Quasi todos os artistas entram no theatro sahindo pela porta de um *clubio* manhoso. Se lhes disserem ser preciso estudar n'um gabinete, durante annos, para poder interpretar qualquer coisa de mediana difficuldade, ficarão, sem duvida, muito admirados. Quem cultiva as delicias de *O voluntario de Cuba* ou de os *Trinta Botões*, não concebe nunca que isto seja radicalmente differente de uma comedia de Molière ou mesmo de um saynete de Courteline. Mesmo mais tarde, quando já passaram por sobre o misero uns bocejantes annos de ribalta, não poderá ainda dizer-vos claramente porque é que o *Posso fallar a sr.<sup>a</sup> Queiroz?* constitue uma pura e simples borrhacheira.

Com semelhantes interpretes não ha obra que resista. Se fôr boa (?) torna-se má, e sendo mediocre, facilmente fareis uma idéa do pessimo. Accresce sobre tudo isto, que o actor tem um profundo desdem pelo auctor. Emendar-vos-ha sempre, meu caro senhor, indicar-vos-ha ridiculos defeitos com solemne protecção e quando vos penderdes do seu labio á espera de um conselho util, aproveitavel, ha de atirar-vos com magestade uma tolice que vos deixa revoltado e logo fazendo uma idéa do homem. Finalmente ha de dizer-vos com estudada modestia que só o seu talento salvou a vossa peça, que realmente tendes valor mas precisaes modificar-vos e por fim induzir-vos-ha a que estudeis, elle! que só por milagre conseguê descortinar o espaço, duas pollegadas além do seu nariz... Afóra estes pequenos nadas, será carinhoso, amavel e dirá mal de vós no botequim.

Este é pois o elemento que vós, auctor dramatico,—o Senhor vos livre de semelhante profissão,—manejaes e com quem estaes condemnado a viver durante vinte ou trinta annos de *verborrêa* litteraria. Por isso se pensa, e com justa razão, em modificar este estado de coisas. No dia em que ser actor demande tanta applicação, tanto trabalho como ser engenheiro ou medico, a profissão ha de lucrar. Sómente, o caso não é tão simples como á primeira vista se pôde suppôr. Metter na cabeça de moços de vinte annos, com absoluta carencia de preparação, certas noções complexas e mesmo confusas, não é tarefa facil nem para educadores nem para aprendizes. E' impossivel saber lêr sem decorar o alphabeto. Mas, emfim, o Conservatorio é um passo dado para melhor futuro.

Certos artistas, mercê de outras preparações, são realmente actores na verdadeira accepção da palavra; porém um theatro não vive só de tres ou quatro figuras bem completas e bem ordenadas. Tanto isto é verdade que o publico se ressentida da fadiga de observar sempre os mesmos nomes dando vida a variadissimos papeis. Os actores em Portugal são panno para toda a obra. Da tragedia á farça, modifique-se o typo e a voz: eis o sujeito transmudado, prompto a servir. Isto pelo que respeita a actores, porque realmente as actrizes são muito peores. Senão, vejamos...

(Continua).

MARIO D'ALMEIDA.

# A debandada...

A PRIMEIRA TOURNÉE ARTISTICA QUE PARTE



## Tournée artistica do Theatro do Gymnasio

Da qual faz parte a 1.<sup>a</sup> actriz do THEATRO NACIONAL

### AUGUSTA CORDEIRO

#### ELENCO

*Actrizes.*—Augusta Cordeiro, Sophia d'Oliveira, Herminia Silva, Guida Machado, Maria Corrêa.

*Actores.*—Cardoso, Telmo, Augusto Machado, Silvestre Alegrim, Carlos Moutinho, Julio Candeira e Jorge Ferreira (ponto).

#### REPERTORIO

OLHO DA PROVIDENCIA, DR. ZEBEDU—comedias em 3 actos, *originaes* de Xavier da Silva e João Bastos.

SCHERLOCK—comedia em 3 actos, *original* de Roquette e A. Lima.

RATO AZUL—comedia em 3 actos, traducção do allemão de Xavier Marques; o maior successo d'este anno.

*Repertorio todo do Gymnasio e de grande successo.*

A tournée começa em junho, percorrendo o Alentejo e Algarve, seguindo depois a Extremadura, Beira Alta e Baixa e Praias.

Direcção de AUGUSTO MACHADO.

# Extrangeiro

## PASSEIO DE ESTUDO

A sociedade franceza *Les Annales* vem de percorrer, sob a direcção de M. e M.<sup>me</sup> Ad. Brisson e com o concurso de Jules Claretie, Jean Richepin, etc., uma parte da Proença, tendo visitado a celebre escola litteraria denominada *Félebrige*, onde se mantem o dialecto provençal.



A casa de Mistral em Maillane  
No medalhão: Frederico Mistral

Como se sabe Mistral tem sido um dos poucos escriptores, nascidos na Proença, que nas suas obras tem mantido o *caché* da lingua materna.

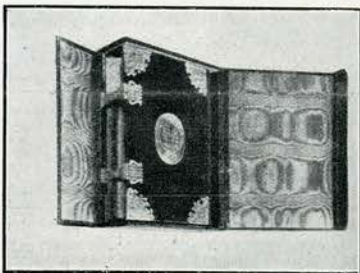
Os noveis auctores que acompanham M. e M.<sup>me</sup> Brisson, fizeram uma encantadora viagem de estudo, estiveram em Maillane onde visitaram *Frederico Mistral* na sua vivenda rustica.

A Sociedade dos *Felibrige* vae inaugurar em breve o busto de Clovis Hugues, em Sceaux, busto devido cinzel de sua viuva.

## UMA BIBLIA LUXUOSA

Como os protestantes adoram o Velho Testamento que, sem contestação, comecam a lêr logo que mal conhecem as primeiras letras, todo o mundo o sabe e não ha inglez que na sua bagagem não traga sempre um exemplar d'esse singelo livro de Horas, que é a Biblia.

Pois uma grande subscrição, aberta com



A Biblia que Londres offerrece a Jorge V

enorme resultado, permittiu a uma commissão, para isso organisaada, a factura d'uma riquissima Biblia Sagrada, que será offerrecida a Jorge V na vespera da sua coroação.

## OS ACONTECIMENTOS DE MARROCOS

Parecem dia a dia mais complicados os acontecimentos na região de Casa Branca.

Ha dias teve logar o embarque de 700 praças de infantaria colonial franceza no vapor *Vinh Zong*, que sob o commando do

capitão Rupeff, vão cooperar nas operações do Riff.

## "RAID" PARIS-MADRID

A catastrophe de Paris.

O entusiasmo despertado pelo *raid* Paris-Madrid, redundou em luctuosa scena.



Mr. Monis, presidente do Conselho de Ministros de França, ferido na catastrophe



O aviador Train (causador da catastrophe)



Mr. Berteaux ministro da Guerra, morto pelo aeroplano de Train

No aerodromo de *Issy les Moulinaux* desde as primeiras horas da madrugada que uma enorme multidão se cumprimia, avida



Passagem de Vedrine sobre um povoado no trajecto Paris Angoulême

de presenciar a partida dos aviadores inscriptos no *raid*.

O primeiro contratempo produziu-o o desmoronamento d'um talude, tendo que intervir um esquadrão de couraceiros afim de evitar desastres de maior.

O primeiro aviador a elevar-se no espaço, eram 5.<sup>h</sup> 10', foi *Beaumont*, a quem seguiram *Garros* e *Gibert*. Os restantes que lhes deviam seguir, *Frey Gamier* e *Nisol*, por *panes* nos seus motores, não sahiram, tendo entrado chegado a vez de *Train*.

Por necessidade de aliviar o peso, que era superior ao possivel ao seu monoplano,

no, tentou *atterrir*, mas como um esquadrão de cavallaria postado no local onde o pensava fazer, o impedisse, foi n'uma volta rapida e infeliz, tombar sobre o grupo onde se encontravam o Presidente do Conselho de Ministros, Sr. Monis e o ministro da guerra, Sr. Berteaux, e mais umas vinte pessoas.

O que então se passou, disse-o a imprensa diaria, largamente, detalhadamente.

Nós limitamo-nos á reportagem photographica do que foi esse transe doloroso para a nossa irmã latina.

Entretanto no doloroso contraste que a vida nos apresenta, passamos agora ao vôo de *Vedrine*; estava-lhe reservada a gloria de ser o primeiro, dos aviadores inscriptos no *raid*, a chegar ao aerodromo de *Getafe*, onde o esperava tudo quanto Madrid possui capaz de se sensibilisar, quer dizer, Madrid em peso.

Melhor que as nossas palavras fallarão as provas graphicas: ellas ahí ficam pois.



O aviador Vedrine

## HENRI LAVEDAN

E' assombrosamente grande a actividade litteraria do festejado auctor da *Sire*.

Pois uma nova peça em 4 actos, que a



O monoplano de Train depois da catastrophe



Uma scena da comedia de H. Lavedan "Gout du Vice" em scena na Comedie

critica acolheu com respeito, é a *Gout du Vice*, que na Comedie teve *première* em 10 do mez findo.

A gravura que reproduzimos é d'uma scena da interessante comedia, que comporta seis personagens apenas.

## CONDE DE ARNOSO

No seu solar de Pindella, finou-se no dia 21 do mez findo o sr. conde de Arnoso. De uma tempera de caracter pouco vulgar e



d'um cerebro altamente equilibrado, a sua figura foi sempre respeitada por todos quantos o conheciam, partidarios ou inimigos.

Ainda como escriptor a sua penna tem brilhantismo a que a *Vida Artistica* presta homenagem:

### (Notas biographicas)

Bernardo Pinheiro Correia de Mello, conde de Arnoso, official do estado maior de engenharia, cavalleiro da ordem de N. S. da Conceição, commendador de Isabel a Catholica, de Hespanha; cavalleiro da ordem de S. Mauricio e de S. Lazaro, de Italia; nasceu em Guimarães a 27 de maio de 1856 e filho do segundo matrimonio do primeiro visconde de Pindella, João Machado Pinheiro Correia de Mello, fidalgo cavalleiro da casa real, do conselho de sua magestade, commendador da ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, Sua mãe, a sr.<sup>a</sup> D. Eulalia Estelita de Freitas Rangel de Quadros, era filha de Antonio Moreira Lopes Machado, opulento negociante, e de sua mulher, D. Maria Emilia de Freitas de Mello e Castro Rangel de Quadros.

Sendo grande admirador do fallecido homem de letras Eça de Queiroz, o sr. conde d'Arnoso foi um dos maiores influentes para que se levantasse um monumento à sua memoria, que foi inaugurado no largo do Quintella.

O sr. conde de Arnoso collaborou em diversos jornaes e publicou uns artigos na *Arte e a Natureza*, publicação quinzenal do Porto, editores Biel & C.<sup>a</sup>. Nas *Novidades* inseriu as notas da viagem a Pekin, em 1887, as quaes reuniu depois n'um livro com o titulo de *Jornadas pelo m'ndo*, que publicou em 1895. É' u-na curiosissima obra em que descreve a China e o Japão. Pelo decreto de 28 de setembro de 1895 foi agraciado com o titulo de conde de Pindella. Até então assignava-se sempre Bernardo Arnoso em todos os seus trabalhos litterarios. O primeiro livro que publicou tem por titulo *As netas*, impressões da sua vida de estudant: de Coimbra. De braco

do, escripto de parceria com o primoroso poeta sr. conde de Sabugosa, em 1894, *A primeira nuvem*, comedia em 1 acto, representada no theatro D. Amelia, em maio de 1902; *Suave milagre*, em 6 quadros, de collaboração com o distincto escriptor sr. Alberto de Oliveira. É' um delicado trabalho litterario, baseado n'um conto de Eça de Queiroz, que se representou no theatro D. Maria, pela primeira vez, em 28 de dezembro de 1901 e se repetiu em bastantes noites, obtendo sempre applausos. O *Suave milagre*, foi tamb:m publicado em 1902, n'uma bella edição adornada de lindas illustrações.

Do seu consorcio com uma irmã da sr.<sup>a</sup> Condessa de Sabugosa e de Murça, deixa o illustre extinto dois filhos: a sr.<sup>a</sup> D. Anna Pinheiro de Mello e o sr. Vicente Pinheiro de Mello, talentoso escriptor, auctor da *Coimbra, nobre cidade*, e d'outros trabalhos litterarios de muito merecimento.

O sr. Conde de Arnoso casou em segundas nupcias com a sr.<sup>a</sup> D. Mathilde Munró dos Anjos, filha primogenita da sr.<sup>a</sup> D. Alice Munró dos Anjos, e do fallecido capitalista sr. Polycarpo Anjos, de cujo consorcio deixa quatro filhos: Bernardo, que está a educar na Inglaterra, e Maria do Carmo, Jorge e Zabel.

O illustre fidalgo teve tambem do seu primeiro casamento um filho, que ha annos falleceu no posto de 2.<sup>o</sup> tenente da armada. Referimo-nos ao mallogrado Conde de Arnoso (João), que era um distincto ornamento das armas portuguezas, estando-lhe reservado um futuro dos mais gloriosos.

O sr. Conde de Arnoso era irmão do sr. Visconde de Pindella, ex-ministro de Portugal em Berlim.

A' nobre familia enlutada, envia a redacção da *Vida Artistica* os mais sentidos pezaes,

Que descanse em paz.

Eduardo dos Santos.



É' sempre para lastimar que suriam incidentes, como o que se deu entre Cadete, Thomaz da Rocha e a Empresa.

Para nada mais servem senão para prejudicar os artistas e a arte em geral, advindo, por consequencia, u-na série de discordias que a todos são prejudiciaes.

Na corrida que se realisou no domingo, 21 de abril, Cadete recusou-se a trabalhar, allegando que não concordava com o programma.

Se bem que é ás empresas que compete averiguar os programmaes, tendo os artistas a obrigação de os cumprir, devem estas, contudo, ser o mais escrupulosas possivel na sua organização, attendendo a todas as praxes que é de uso, como as antiguidades dos artistas, para os não melidrar, como tambem para os equalar na distribuição.

Estes factos parece não se darem, de onde provem ser a empresa a primeira a concorrer para a desharmonia que existe entre os artistas.

Ora, Theodoro a 16 de abril, Manuel dos Santos a 23 e Cadete a 30 do mesmo mez, *tourreamos res-*

*pectivamente os ultimos touros das respectivas corridas*, por consequencia se estes tres bandarilheiros, considerados de 1.<sup>a</sup> classe, toureamos o ult mo touro, igualmente a Thomaz da Rocha, tambem considerado de 1.<sup>a</sup>, devia acontecer o mesmo, caso que se não deu e que não sabemos a que attribuir, advindo d'ahi a principal razão com que Cadete se estribou para se recusar a entrar na corrida e digamos com franqueza, com uma certa justiça, pois parece não haver egualdade para todos.

Além d'isto a empresa portou-se menos correctamente com Cadete, pois este, quando a ella se dirigiu recusando-se a trabalhar, fel-o em carta particular e nunca a empresa d'ella se deveria servir, como fez, mandando-a publicar e com a agravante de lhe ter cortado o que muito bem lhe pareceu.

Isto não é mais do que um abuso e uma deslealdade que nada lustra quem assim procede, e fazendo recahir sobre a empresa a suspeita de parcial que ella deve, por todas as fórmas, evitar.

Mas, ao que parece, ella com isso pouco se importa, pois a todos os instantes estamos a vér a sua parcialidade.

Deste lamentavel incidente parece deduzir-se que a empresa tem para com Cadete uma certa má vontade, cuja causa não conhecemos, mas que no entanto havemos de profundar, e o que é de justiça for nós o diremos com todo o desassombro da nossa imparcialidade e justiça, que é a divisa que rege as columnas d'este semanario.

A empresa devia antes cumprir e fazer cumprir os regulamentos que regem os artistas e que nós, infelizmente, nunca vimos observados, resultando uma salsada tal que não se enrendem uns aos outros.

Devia a empresa observar ao sr. Jayme Henriques que a sua direcção é sempre parcialissima, e notar a sua falta de energia para exercer como deve o seu logar.

Estamos constantemente a vér no sr. Jayme Henriques a sua benevolencia para uns e o seu desagrado para outros.

Observámos muitas vezes, como já aqui o dissémos, os artistas fazerem o possivel para desviar a attenção do touro quando um seu collega está a preparar uma sorte, o sr. Jayme Henriques que vê estas coisas ou tem obrigação de vér, nada faz nem impõe a sua auctoridade como deve; ha mais ainda: sahe um touro Jayme Henriques manda sahir os capotes que entende para a ajuda mas quando na praça estão mais d'aquelles que mandou, nunca o sr. Jayme Henriques os manda retirar, e quando alguma vez assim faz é com tanta moderação que não obedecem á ordem recebida.

Se Jayme Henriques applicasse, como é seu dever, os regulamentos, esses artistas desobedientes eram multados e nunca mais lhes passaria pela cabeça em se metterem onde não são chamados, e ao mesmo tempo que saneava, concorria para o brilhantismo do artista e, por consequencia, da arte em geral.

Não sei para que servem os regulamentos e as suas multas, só para vista...

São estas e outras coi as mais que devem merecer a attenção da empresa e não verdadeiras futilidades, como o caso de Cadete, que nenhum proveito lhes dá, antes pelo contrario, fomentam disabores e rivalidades entre artistas, que por obrigação tinha de harmonisar e sanar.

É' com tristeza que vemos levantada uma campanha contra Cadete, que a nosso vér não é justa.

E dizemol-o com tanto maior desassombro que, como já dissémos, o nosso lemma é ser imparciaes e justos.

Se não concordamos em parte com o procedimento de Cadete, pois o publico é quem paga as differenças, não podemos deixar de dizer que no fundo Cadete não deixa de ter razão, tanto mais que se não recusa a tourear com Thomaz da Rocha, o que elle deseja, por certo, como nós, é que haja egualdade para todos, sejam elles quem fór.

E se dizemos que não é justa a campanha contra Cadete é porque observámos sempre n'elle verdadeiros merecimentos de artista e uma lealdade para com collegas a que é raro assistirmos.

Para finalisarmos pedimos á empresa que olhe com mais criterio para a elaboração dos programmaes, bem como para a sua direcção, que muito, deixa a desejar.

MARIO NOGUEIRA

# THEATROS

## Republica

Explendidos e variados espectaculos pela companhia de zarzuela.

## Apollo

Sempre a *Agulha em Palheiro*, que nunca mais sae do cartaz; e está feito o reclamo.

## Colyseu dos Recreios

Companhia de variedades na qual toma parte a celebre transformista Fatima Miris.

## Paraiso de Lisboa

Sessões permanentes de animatographo fallado.

## Variedades

Dois bellos espectaculos por noite com a chistosa revista *Pó de Pertimpimpim*.

## Chalet Avenida

(Feira d'Alcantara)

Enchentes todas as noites com a revista *Está certo* que tem obtido enorme successo.

## Chalet Julia Mendes

Está escripto que a revista *Colhido e volteado* é peça para durar, o que não admira, attendendo á fórma como está apresentada e ao desempenho.

## Animatographos e variedades

CINE PALAIS — (Feira d'Alcantara), sempre estreias sensacionaes.

SALÃO FOZ — Espectaculos variados todas as noites.

SALÃO AVENIDA — Tem tido enormes enchentes com a engraçada operetta *Sachrista encravado*.

CHIADO TERRASSE — Soirées variadas todas as noites.

SALÃO IDEAL — Animatographo e variedades.

SALÃO DA TRINDADE — Programmas sensacionaes

CHANTECLER CHALET — (Feira d'Alcantara). Estreias todas as noites.

JARDIM ZOOLOGICO (Exposição permanente)

AQUARIO VASCO DA GAMA (Dafundo)

Aberto todos os dias.

Vestidos de senhoras e crianças  
LAVA, LIMPA E TINGE  
A  
TINTURARIA CAMBOURNAC  
10, Largo da Annunciada, 10  
Rua de S. Bento, 175-A  
LISBOA Telephone 562

## Automoveis recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva  
" 787 — " — João Carujo  
" 987 — " — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa

Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

## "MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias á machina — Traducções

Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3086 — Agencia no Porto

## OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO

FUNDADA EM 12 6 1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, níquelagem, etalages e var es para montas, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar pratear, níquelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

## Empreza Nacional de Navegação



Carreiras para a Africa Occidental e Oriental por contracto com o governo portuguez.

0 paquete BEIRA

Saírá do Caes da Fundição no dia 1 de junho, no meio dia, para a Madeira, S. Thomé, Louisa, Lohito, Cidade do Cabo (Cape Town), Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Quelimane, Chinde, Inhambane, Ibo, Porto Amélia, Bartholomén Dias, Angoché e Túngue, com trahordo.  
Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se: NO PORTO: com os agentes H. Burmeister & C., rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escripitorios da Empreza, 33, rua do Commercio.

## Bico Modelo

DE JOÃO GALVÃO

Artigos de illuminação para Gaz e Electricidade

Lustres e candieiros, retetes, auto-clismos, urinoes, lavatorios, bidets, siphões e banheiras.

Installações d'agua, gaz e electricidade.

70, RUA IVENS, 70

(Proximo do Chiado)

LISBOA

## LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, para-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

## Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-113

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.

Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

## Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes á sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCADERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Raulino Jereira

Succursal das

Officinas

de encadernação

movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

## Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 20-22

Vinho Verde de 1.ª qualidade  
Azeite de Castello Branco muito fino  
Vinhos finos e licores

## Casa 5 de Outubro

232, R. DA MAGDALENA, 234

(Em frente á Rua da Betesga)

De que é proprietario MANUEC VIEGAS FACADA

Azeites de Castello Branco, maniegas da Iha da Madeira, vinho tinto do Lic amento, palheto (exclusivo da casa). Todas as encomendas se enviam a casa dos freguezes.

# Grande excursão

— EM —

# AUTOMOVEIS

## GRATUITAMENTE!!

Promovida pela brilhante revista illustrada, semanal

# VIDA ARTISTICA

Offerecida a todas as pessoas que enviem  
para a redacção da VIDA ARTISTICA 10 assignaturas por um anno d'esta revista,  
pagas adeantadamente, ou um annuncio de pagina



Um dos automoveis FIAT que servirá na excursão da VIDA ARTISTICA

A excursão realizar-se-ha no *dia 11 do proximo mez de Junho* com um itinerario caprichosamente escolhido, havendo um esplendido almoço na Praia das Maças, offerecido pela VIDA ARTISTICA, a todos os excursionistas. Esta excursão far-

se-ha em automoveis da acreditada marca FIAT a melhor até hoje conhecida.

*As assignaturas ou annuncios, pódem ser desde já remettidos e até ao dia 6 do proximo mez de Junho, para a redacção da VIDA ARTISTICA. Passerelle do Elevador de Santa Justa, Lisboa.*